

Produção de identidades nos trabalhos apresentados em colóquios luso-brasileiros de 2002 e 2004.

IDENTITIES IN PRODUCTION PRESENTED IN CONFERENCES LUSO-BRAZILIAN 2002 AND 2004.

Leonardo Dias Ferreira¹

Resumo: O presente artigo aborda o estudo da internacionalização do campo do currículo, com enfoque em trabalhos apresentados em colóquios luso-brasileiros de 2002 e 2004, sobre questões curriculares e sobre produção de identidades. Inicialmente, realiza-se uma contextualização histórica do colóquio luso-brasileiro, em seguida reflete-se sobre a internacionalização do campo do currículo e sobre a visão desta concepção presente nos editoriais dos colóquios luso-brasileiros e, na última seção, aborda-se a categoria identidade. Conclui-se que entender a relação direta entre questões sobre multiculturalidade e sobre formação da identidade do sujeito, envolvido no processo de ensino-aprendizagem escolar, é essencial para que a escola seja voltada para formação e interação social, de tal modo, que os alunos possam compartilhar suas crenças e valores e aprender a respeitar, reconhecer e valorizar as diferenças do outro.

Abstract: This article deals with the study of the internationalization of the curriculum field, focusing on papers presented at Portuguese - Brazilian colloquia from 2002 and 2004, on curriculum issues and identity production. Initially, a historical contextualization of the Luso-Brazilian colloquium is carried out, then it is reflected on the internationalization of the field of the curriculum and on the vision of this conception present in the editorials of the Luso-Brazilian colloquia and, in the last section, the category identity. It is concluded that understanding the direct relationship between questions about multiculturalism and about the formation of the subject's identity, involved in the school teaching-learning process, is essential for the school to be geared towards social interaction and training, so that students can share their beliefs and values and learn to respect, recognize and value the differences of the other.

Palavras Chaves: Internacionalização do campo do currículo. Colóquios luso-brasileiros. Identidades.

Key words: Curriculum field of internationalization. Luso-Brazilian colloquia. Identities

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo refere-se ao estudo da internacionalização do campo do currículo. Para elaborá-lo, foram analisadas mesas redondas de trabalhos apresentados em colóquios luso-brasileiros sobre questões curriculares e sobre produção de identidades, no período de 2002 e 2004. Ressalta-se, a respeito do material investigado, que foram trabalhos produzidos para dois eventos distintos, sendo um no ano de 2002 e outro em 2004, pois os colóquios luso-brasileiros ocorrem em períodos de dois em dois anos. Pretende-se, com esse artigo, fazer uma breve

¹ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis e professor de Educação Física da rede pública do Estado de Minas Gerais. E-mail: <leoubaense@bol.com.br> ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-4646-0961>>

reflexão sobre a internacionalização do campo do currículo e também analisar a categoria identidade, temas que predominaram nesses dois anos de colóquios luso-brasileiros.

Para uma melhor exposição didática, o texto estrutura-se do seguinte modo: na primeira seção, faz-se uma apresentação do colóquio luso-brasileiro, discorrendo sobre sua organização e seus objetivos; na segunda seção, reflete-se sobre a internacionalização do campo do currículo; na terceira seção, aborda-se a visão da internacionalização presente nos editoriais dos colóquios luso-brasileiros e, na última seção, pontua-se a categoria identidade, bastante analisada nas mesas redondas. Por fim, seguem-se considerações a respeito do estudo e sobre o processo de investigação.

2 CONHECENDO O COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO

O Colóquio Luso-Brasileiro originou-se de uma iniciativa conjunta da Universidade do Minho e da Universidade do Rio de Janeiro. Corresponde a um projeto de intercâmbio entre investigadores das duas Universidades, contando sempre com a contribuição de Tomaz Tadeu Silva e de Antônio Flávio Barbosa Moreira.

Os objetivos principais do Colóquio Luso-Brasileiro são listados, a seguir, por três pesquisadores: para Alfredo Veiga Neto (2004), destaca-se, como objetivo do evento, apontar que o currículo não pode ser compreendido apenas numa dimensão reduzida à epistemologia tradicional, mas, sim, deve ser compreendido como um instrumento escolar importante para as ressignificações do espaço e do tempo que aconteceram na transformação do mundo medieval para a modernidade; Carlinda Leite (2004), por sua vez, afirma que um dos objetivos desse colóquio é refletir sobre a noção de multiculturalismo, presente no evento, que desafia a especificidade das sociedades contemporâneas, cada vez mais, acentuadamente multirraciais, multiétnicas ou multi-religiosas; para William Pinar (2002), outro objetivo importante é que o caráter eurocêntrico do currículo escolar é problematizado, para quem a alfabetização cultural deve envolver tanto o conhecimento dos antecedentes europeus e da cultura americana contemporânea como os da cultura africana.

Diante do exposto, as reflexões proporcionadas pelas intervenções dos estudiosos, nas mesas redondas, revelam a complexidade, a continuidade e/ou a divergência das relações entre os processos de identidade e a construção do conhecimento e, logo, sobre as inúmeras realidades do processo de desenvolvimento do currículo.

3 DISCUTINDO SOBRE CURRÍCULO

O equilíbrio entre as forças com representatividade social permite construir o currículo capaz de responder às necessidades e aos interesses dos alunos. A educação é uma realidade humana de grande amplitude em que intervêm conhecimentos e reflexões de diversas ordens: reflexões filosóficas, sociológicas, psicológicas, pedagógicas, políticas, econômicas etc. As prioridades do currículo são, sem dúvida, os jovens e as realidades e contextos onde vivem. Como tal, o currículo tem de ser concebido de forma a proporcionar aos alunos conhecimentos que lhes permitam compreender, viver e intervir no mundo que os rodeia. Para corroborar o exposto, Apple (2011, p.71) afirma que “o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e na sala de aula de uma nação escolar.”

Outra perspectiva ainda pouco explorada, no entanto, é aquela que se volta para a análise do currículo enquanto um campo de produção de identidade dos profissionais responsáveis por sua elaboração e desenvolvimento: os professores. Essa perspectiva abre uma vertente muito fértil para a investigação de questões relacionadas à profissionalização dos professores,

considerando a especificidade do seu fazer, e possibilitando um avanço em relação a análises simplificadoras, sejam aquelas pautadas na racionalidade técnica, conforme denomina Pérez Gómez (1995), ou aquelas que explicam o trabalho docente através do chamamento vocacional.

As teorias crítica e pós-crítica do currículo abriram novas perspectivas para o estudo da escola e da cultura escolar, cuja dinâmica, muitas vezes, deixava alguns perplexos quando confrontados com fenômenos que surpreendiam por não se enquadrar nos parâmetros propostos pelas concepções tradicionais.

É preciso que, ao conceber o currículo, se tenha consciência de que vivemos numa era de transição para a denominada era da globalização, mas que a globalização não exclui a particularidade e a identidade dos povos. Consideramos o currículo como facilitador e proporcionador de conhecimentos essenciais para sobreviver em sociedade. Por isso, importa torná-lo acessível, tendo em conta que “há aprendizagens e competências imprescindíveis a todos os alunos” (LEITE, 2000, p.26).

4 REFLEXÕES ACERCA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAMPO DO CURRÍCULO

Refletindo sobre internacionalização do campo do currículo, percebe-se que Pinar foi figura central, do movimento de reconceptualização do campo do currículo que se devotou a compreender a natureza da experiência educacional, aspirando a uma compreensão da espécie que se procura alcançar nas humanidades. Para isso, foram fundamentais apoios da história, da psicanálise, da fenomenologia, do existencialismo, e da crítica literária. Como objetos de estudo escolheram-se a preocupação com a experiência interna e existencial do mundo público. Os estudos focalizaram questões de temporalidade, transcendência, consciência e política, e deixaram de focalizar a “mudança comportamental” e o processo decisório em sala de aula.

Pinar (2004) identificou a presença de dois grupos nos esforços por reconceptualizar o campo do currículo: o grupo dos críticos e o grupo dos pós-críticos. Incluiu-se no segundo grupo, que anteciparia a emergência da teorização pós-crítica, cerca de trinta anos depois. Os pós-críticos, segundo ele, propunham-se a ir além da crítica do existente para criar o novo.

Na década de 1970, Pinar (2004) concebeu o currículo como *currere*. Para ele, o campo do currículo deveria voltar-se para a experiência da jornada educacional, para o nível da experiência interna. Nessa perspectiva, o estudo do *currere* envolveria a investigação da natureza individual da experiência do público: dos artefatos, dos atores, das operações, da jornada educacional, da peregrinação.

Segundo Robert Cowen (2006), tem-se verificado considerável progresso na análise da transferência educacional. Para o autor, a complexidade do trabalho conceitual demanda que se considere uma tríade de categorias: *transferência*, *tradução* e *transformação*. Sobre essas categorias, Cowen (2006) discorre que *transferência* corresponde ao movimento de uma ideia ou prática em espaço supranacional, transnacional ou internacional. *Tradução* pode ser vista como a reconfiguração de instituições educacionais ou reinterpretação de ideias educacionais, que rotineiramente ocorre com a transferência no espaço. Trata-se, nas palavras de Cowen (2006), do “efeito camaleão”. Já a *transformação* aborda uma escala de mudanças que pode incluir tanto a cor local conferida quanto a extinção do elemento transferido, pois envolve as metamorfoses que o poder econômico e social, no novo contexto educacional, impõe na tradução inicial.

A despeito da maior complexidade envolvida na análise das diferentes etapas que envolvem o fenômeno da *transferência*, os conceitos de *tradução* e *transformação* ainda não foram suficientemente estudados, particularmente a transformação, apesar das pesquisas que os têm abordado (COWEN, 2009). Levantamos, então, a hipótese de que, em decorrência dessa

insuficiente clareza e também do momento inicial e relativamente restrito da internacionalização do campo do currículo, a transferência educacional apresenta hoje um potencial explicativo ainda pouco desenvolvido para o foco deste estudo que é a internacionalização do campo.

Já na atualidade, o campo do currículo tem sofrido, sobretudo a partir do início do século XXI, um processo de internacionalização, cujos sinais já se fizeram evidentes (PINAR, 2006). Criaram-se espaços transnacionais nos quais acadêmicos de diferentes países procuram reconfigurar e descentralizar suas próprias tradições de conhecimento, de modo a negociar a confiança recíproca para um trabalho coletivo. Une-os a rejeição ao imperialismo econômico e cultural associado à globalização (GOUGH, 2003; PINAR, 2002).

A internacionalização tem sido entendida como um esforço de aprendizagem, como um movimento que propicia o encontro de investigadores do campo, para discutir temáticas referentes a currículo. Nesse encontro, faz-se possível conhecer o que outros pesquisadores estão desenvolvendo, de que modo o fazem e o que pensam sobre o que fazem. A intenção é, portanto, que cada um possa aprender com a experiência do outro (TRUEIT, 2003).

Uma defesa plausível contra projetos internacionais que provoquem homogeneização cultural é estimular coalizões transnacionais para a educação pública que, crítica e criativamente, traduzam, adaptem e expandam ideais nacionais democráticos para propósitos educacionais internacionais (GOUGH, 2004). Com essa intenção, pretende-se incrementar a solidariedade no interior das nações e entre elas. Pretende-se desenvolver um enfoque multinacional de cidadania que amplie a noção de identidade nacional compartilhada. Pretende-se incentivar iniciativas pautadas por princípios estritamente acadêmicos.

Tendo em vista que para muitos estudiosos suas pesquisas se relacionam estreitamente com as questões políticas e educativas próprias de seus países, cabe suspeitar do real benefício do encontro com outros e perguntar: quando especialistas de diversas origens se juntam, com histórias internacionais que envolvem colonização, dominação, alienação política e arrogância, como garantir um diálogo democrático? Como promover uma conversação que faça justiça aos ideais democráticos (TRUEIT, 2003)? Como identificar relações de poder que se expressem nessa conversação? As respostas a essas indagações não são fáceis e precisam ser dadas, individual e coletivamente, pelos participantes do processo.

Trata-se, então, de discutir a conformação e de avaliar o potencial de um campo de estudos que se expande em nível mundial: um campo cada vez mais sofisticado, derivado de uma sugestiva conversação que desenvolvemos conosco mesmos e com colegas de diferentes países; um campo que se mostre digno dos professores e alunos que, diariamente, em todos os lugares do mundo, se esforçam por se compreenderem e compreenderem a sociedade em que vivem (PINAR, 2003).

Em momento caracterizado por intensas transformações políticas, econômicas, culturais e educativas, entender o movimento internacional do campo do currículo se revela crucial para que se possa analisar o que acontece, no âmbito do currículo, tanto no interior das nações como além de suas fronteiras.

Desde a primeira década deste século, organizaram-se associações e reuniões internacionais, fontes de importantes discussões sobre o processo de internacionalização. Em 2001, criou-se a Associação Internacional para o Avanço dos Estudos de Currículo (*International Association for the Advancement of Curriculum Studies – IAACS*), em grande parte em decorrência dos empreendimentos de William Pinar. Encontros trienais já foram organizados na China (em 2003), na Finlândia (em 2006), na África do Sul (2009) e, em 2012, no Brasil. Nesses eventos,

pesquisadores de diversas nacionalidades têm se reunido, dialogado e promovido o processo de internacionalização dos estudos de currículo.

A IV Conferência Internacional, realizada no Rio de Janeiro, em julho de 2012, estruturou-se em torno do tema central *Questionando a Teoria Curricular*. No site da Conferência, afirmou-se que os fundadores da Associação Internacional de Estudos de Avanços do Currículo não desejam a formação de um campo internacional de estudos que se mostre padronizado e uniforme, como se poderia supor, tendo em vista o fenômeno mais amplo da globalização. Nem tampouco estão desavisados quanto aos perigos dos nacionalismos estreitos. Sua perspectiva, ao promover os encontros, é proporcionar apoio aos debates acadêmicos locais e internacionais sobre conteúdos, contextos e processos educacionais, que encontram no currículo seu centro organizacional e intelectual.

Os Colóquios Luso-Brasileiros sobre questões curriculares representam outra iniciativa que ilustra a internacionalização do campo. Além da presença de estudiosos dos dois países, os Colóquios têm propiciado a participação de pesquisadores dos Estados Unidos, Argentina, Espanha, Finlândia, França, Inglaterra e Canadá. No último colóquio, realizado em Belo Horizonte em setembro de 2012, além de pesquisadores brasileiros e portugueses, participaram Inés Dussel, argentina radicada no México, Michael Young, da Inglaterra, e Thomas Popkewitz, dos Estados Unidos.

O currículo é também uma questão de poder, conforme argumentou Silva (1999). As teorias de currículo, na medida em que sugerem o que o currículo deva ser, estão inevitavelmente envolvidas em relações de poder. Isso significa que as operações de selecionar, destacar, ocultar, propor e impor constitui exemplos da ação do poder nos intercâmbios do processo de internacionalização.

Em outro texto, Moreira (2009) já havia alertado para a necessidade de se descobrirem e criticarem as lógicas das escolhas, conscientes ou inconscientes, que respondem por determinadas ênfases ou omissões nas interações. Indica-se também a importância de se considerarem intenções subjacentes, tendo em mente que as trocas culturais nem sempre se norteiam por tolerância, solidariedade e mente aberta. São possíveis outros interesses, menos “nobres”, como imposição e dominação, capazes de estimular a homogeneização cultural e desvalorizar histórias, idiosincrasias e necessidades locais. Daí a importância da inclusão da categoria poder no estudo em questão, para que melhor se compreendam as situações, reações e conseqüências implicadas no processo. Essa categoria, associadas às categorias de hibridização, cosmopolitismo e tradução, estará informando as análises de textos e de entrevistas.

Estevão (2006) faz uma reflexão sobre os desafios do currículo elucidando a necessidade de desconstruir a ideia de currículo como algo neutro, que procura estudar os melhores procedimentos de bem ensinar e, com isso, dizendo que o currículo não pode silenciar as vozes que lhe pareçam dissonantes do discurso culturalmente padronizado.

5 A VISÃO DE INTERNACIONALIZAÇÃO PRESENTE NOS EDITORIAIS

Dois importantes textos, redigidos por Noel Gough (2004) e William Pinar (2005), podem ser considerados fundamentais para que se compreenda a visão de internacionalização que sustenta a revista. O de Gough compõe o editorial do primeiro número do *Transnational Curriculum Inquiry*. O de Pinar corresponde à sua conferência, proferida no primeiro encontro da IAACS, na Universidade de Shanghai.

Gough (2004), então editor da revista, posiciona-se como acadêmico australiano e explica como pretende tratar a investigação em currículo transnacionalmente. Argumenta que “novos públicos transnacionais podem produzir narrativas mais defensáveis para o trabalho em currículo do que o nacionalismo” (GOUGH, 2004, p. 2). A ideia é incentivar cidadanias democráticas, multiculturais e transnacionais. O pesquisador acrescenta: com novos públicos, fazem-se necessárias novas linguagens, o que implica repensar as metáforas empregadas no discurso curricular. Faz-se necessária outra visão de solidariedade.

Gough (2004) sugere uma concepção global de solidariedade que inclua: (a) nossa interdependência em uma economia política global; (b) nossa interdependência como habitantes de uma biosfera comum; (c) uma visão de solidariedade global, enraizada no senso concreto de interdependência no cotidiano; (d) uma visão democrática radical de solidariedade global, calcada no fato de que habitamos um espaço público que deve ser redefinido como espaço no qual todas as pessoas deliberam para decidir nosso destino comum.

O desafio para o campo do currículo passa a ser, então, como construir redes transnacionais de pesquisadores que compartilhem essa visão de solidariedade e que estejam dispostos a expressá-la em seus estudos. Nessa perspectiva, as decisões relativas a currículo passam a pautar-se pela ética e pela deliberação. Nessa perspectiva, a deliberação estimula uma cultura democrática entre os que deliberam, envolvendo: ouvir o outro, compartilhar recursos e tomar decisões juntos. O propósito é, em última análise, o desenvolvimento de uma visão cosmopolita de cidadão, para o qual a riqueza comum não se restrinja ao local ou ao nacional.

No mesmo editorial, destaca-se que o TCI se dispõe a promover conversações acadêmicas no interior e através de fronteiras nacionais, regionais e culturais. A revista é também entendida como constituindo um espaço para a pesquisa e para produzir compreensão intercultural e valorizar a diversidade. Deseja-se, assim, descolonizar o discurso acadêmico e colocá-lo a favor da política da diferença.

Em sua conferência no encontro realizado na China, Pinar (2005) afirma desejar contribuir para a criação de um diálogo entre a sabedoria curricular chinesa e as teorias curriculares ocidentais, de modo a incentivar uma relação dinâmica entre elas. Tem como meta ajudar a criar uma ponte que permita fluir a conversação durante o evento, uma conversação que se desenvolva através da cultura.

Finalizando seu texto, Pinar aposta na possibilidade de um diálogo entre a sabedoria chinesa e as teorias ocidentais, ou seja, nas vantagens de uma relação dinâmica entre ambas. Sugere que se trave uma “conversação complicada”, na conferência de 2003, entre a tradição chinesa e a canadense. Instiga, então, os participantes da conferência a fazerem com que o campo do currículo avance.

Os dois textos permitem compreender que, na visão de internacionalização defendida pela revista, destaca-se a cooperação entre pesquisadores de diferentes países, com base na qual se formulem princípios globais para o trabalho em currículo, respeitando-se histórias e tradições locais e rejeitando-se qualquer tentativa de homogeneizar o campo. Compreensão, diálogo intercultural e abertura para o outro são indispensáveis para que o processo flua. Há que se ouvir

o outro, com ele aprender e, no diálogo, rever nossas próprias concepções e perspectivas. Solidariedade, ética e deliberação conjunta precisam caracterizar as decisões e iniciativas. Novos públicos, por meio de novas linguagens, precisam envolver-se em uma conversação complicada que venha a marcar e a promover a internacionalização do campo. Já se antecipam estratégias que a incrementem, como o estímulo à promoção de estudos em conjunto e a organização da revista como espaço apropriado ao desenvolvimento dessa conversação.

6 ANALISANDO A CATEGORIA IDENTIDADE

Segundo Mário Nunes (2006), a identidade como conceito, oferece recursos para compreendermos a interação de nossa experiência do mundo e as paisagens culturais em que as subjetividades se formam. As identidades são produzidas nas relações entre os sujeitos e na interação das diferentes culturas, e estas relações são tratadas em consenso, isto é, são questões que envolvem relações de poder, algumas mais visíveis que outras, isto é, na escola é o espaço onde se estabelece essa relação com o conhecimento a ser ensinado e com o processo de ensino aprendizagem.

Ratificando essa afirmativa, Tomaz Tadeu Silva (2012), diz que toda teoria de currículo tem como pano de fundo a discussão do conhecimento a ser ensinado aos estudantes. Além disso, reforça a importância das construções de identidades dos estudantes como sendo objetos centrais da atenção tanto dos pesquisadores do campo do currículo quanto dos professores que, nas escolas e nos sistemas de ensino, se envolvem em decisões e práticas referentes a currículo.

Por outro lado, aprendemos também o que somos em meio aos significados atribuídos, pelos outros, “àquilo que somos”, ou seja, comportamentos determinados para meninos, de acordo que a sociedade, exigem distintos modos de ser de meninas. “A identidade é, portanto, um processo de criação de sentido pelos grupos e pelos indivíduos” (STOER; MAGALHÃES, 2005 apud MOREIRA, 2011, p.41).

A identidade envolve reivindicações de "pertencimento" (Silva, 2000), definindo que uma pessoa pertence a um ou outro grupo, mesmo com as respectivas diferenças. Envolve questões baseadas na natureza humana, como etnia e relações de parentesco, e que são construídas com o tempo, modificando-se com os embates. Envolve relacionamentos e é estabelecida pela *simbologia* que envolve outras identidades como a língua e a cultura. Envolve relações sociais, diferenças de classe, gênero, individuais, sociais e materiais. Envolve, portanto, diferenças e, por vezes, rivalidades, relacionando-se a processos de exclusão/inclusão.

As identidades são, intrinsecamente, associadas às relações de poder. (Silva, 2000). Na teoria cultural contemporânea, as identidades são concebidas como um processo de produção instável, ligado às estruturas discursivas e aos sistemas de representação, em estreita conexão com conquistas de poder. Tais relações apresentam uma estrutura binária, que envolve a criação do espaço de inclusão (afirmação hegemônica dos valores do sujeito predominante) e que, automaticamente, faz do restante espaço de exclusão (negação do que é contrário ao sujeito hegemônico). Portanto, o movimento inicial de inclusão é normalmente seguido pela tentativa de fixação de identidades por parte dos sujeitos dominantes (manutenção do poder).

Tal fixação envolve criação de normas e de padrões diversos, seguindo variados mecanismos. Essa fixação atinge o ápice de sua eficiência quando se torna senso comum, algo que é visto pelas pessoas como natural, como acontece na seleção dos conteúdos curriculares.

De acordo com Silva (2000), fixar e estabilizar a identidade, ou subvertê-la e desestabilizá-la são movimentos que favorecem a produção de identidades. Nesse processo são construídas novas identidades individuais e sociais, permeadas ou não pelo poder dominante.

Dada a dinamicidade das culturas, os sujeitos se modificam e reconfiguram seus pertencimentos de acordo com os processos locais e globais dos quais participam, mantendo-se como diferentes e singulares, ao mesmo tempo em que estabelecem novas relações e vínculos com outras culturas. Nessa dupla dimensão de relações se origina o que chamamos de culturas híbridas. Os estudos de hibridização surgiram da necessidade de compreender como ocorre o movimento de (re)configuração de novas identidades, dentro de uma sociedade plural, em que a identidade se desloca de acordo com as mudanças sociais. Pode-se até dizer que é um processo, cuja origem se localiza na mutabilidade de identidades geradas pela instabilidade dos signos sócio-culturais (CANCLINI, 1999).

Nossa identidade assim não é inata, não é um registro, não é fixa, não é linear, nem centrada, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo (SILVA, 2000 *apud* MOREIRA, 2010, p. 42). Essa construção da identidade segundo Loureiro (2004), supõem que o indivíduo já traz consigo, seu pertencimento a uma etnia, a um determinado gênero, entre outras. Uma identidade desenvolvida a partir dessas dimensões dá-se em função de uma trajetória com escolhas mais ou menos tensas.

Nas mesas redondas dos colóquios de 2004 e 2006, a temática identidade é fortemente retratada. Em Portugal, segundo Carlinda Leite (2004), a partir dos anos de 1990 foram desenvolvidas várias ações políticas, fomentadas pelo Ministério da Educação, direcionadas para questões sobre multiculturalidade que afetam o desenvolvimento da formação da identidade do estudante, pois a autora também analisa dados de imigração que aponta o crescimento exponencial em Portugal, necessitando de, cada vez mais, mudanças estruturais ou institucionais dentro da escola, para a construção de uma educação que trabalhe para o diálogo entre as culturas, para a construção de uma identidade, respeitando os valores trazidos de cada estudante oriundo de Portugal ou de outra nação.

No Brasil, não foi diferente, a partir da década de 1990 até os dias de hoje, tiveram várias mudanças curriculares que propiciaram essa mudança de paradigma, propiciando uma escola bem mais atenta às questões multiculturais para que o discente construa sua identidade aprendendo a respeitar as diferenças de gênero, culturais, sociais, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos trabalhos apresentados em colóquios luso-brasileiros de 2002 e de 2004 sobre produção de identidades nos revela a complexidade das relações entre os processos de identidade e a construção do conhecimento. Isto é, sobre as inúmeras realidades do processo de desenvolvimento do currículo.

É importante destacar que a internacionalização do campo do currículo necessita implicar a tentativa de aprofundar nas dificuldades educacionais ou temas emergentes que estão sendo tratados em cada país. Nesse sentido, é fundamental debater as concepções de escola, de currículo, de política curricular, de conhecimento escolar, de cultura, de ensino, de professor e de aluno que, nos diferentes países, estejam norteando o propósito de garantir a todos os estudantes um processo de ensino aprendizagem eficaz.

Compreender a relação direta de questões sobre multiculturalidade e formação da identidade do sujeito envolvido no processo de ensino-aprendizagem escolar é fundamental para a escola não ser apenas um espaço de reprodução, normatização e homogeneizador, mas sim uma instituição de formação e de interação social em que vários sujeitos compartilham símbolos, crenças e valores e aprendem a respeitar, reconhecer e valorizar as diferenças do outro.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael Whitman. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 71-106.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1999.
- COWEN, Robert. Acting comparatively upon the educational world: puzzles and possibilities. *Oxford Review of Education*, v. 32, n. 5, p. 561-573, 2006.
- COWEN, Robert. Then and now: unit ideas and Comparative Education. In: COWEN, Robert; KAZAMIS, Andreas M. *International Handbook of Comparative Education*. Part Two. London: Springer Science + Business Media B. V., 2009.
- ESTEVAO, Carlos Alberto Vilar. Justiça, direitos humanos e educação na era da globalização. *Revista Educação e Pesquisa*, da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v.32, n.1, p. 85-101, jan./abr. 2006.
- GOUGH, Noel. Thinking globally in environmental education: implications for internationalizing curriculum inquiry. In: PINAR, William. P. (Ed.). *International handbook of curriculum research*. Mahwah, New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
- GOUGH, Noel. *A vision for transnational curriculum inquiry*. *Transnational Curriculum Inquiry*, v. 1, n.1, 2004. Disponível em: <http://ojs.libray.ubc.ca/index.php/tci>. Acesso em 31 de 07 de 2016.
- LEITE, Carlinda. A flexibilização curricular na construção de uma escola mais democrática e mais inclusiva. *Território Educativo*, nº 7, Dez 1999.
- LEITE Carlinda. A atenção ao multiculturalismo nas políticas da educação escolar em Portugal. *VII Colóquio das Questões Curriculares/III Colóquio Luso-Brasileiro*. Braga: IEP, 2004.
- LOUREIRO Maria Bastos. *Professor: identidade mediadora*. Editora Loyola: São Paulo, 2004.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. *Internacionalização do Campo do currículo: condições, desafios e possibilidades de um novo paradigma*. Universidade Católica de Petrópolis. Projeto de Pesquisa Apresentado ao CNPq (2009).
- MOREIRA Antônio Flávio Barbosa. Currículo e transgressões: dialogando com William Pinar. V Colóquio sobre Questões Curriculares e I Colóquio Luso-Brasileiro. Universidade do Minho, Portugal, fev. 2002.
- MOREIRA Antônio Flávio Barbosa. Internacionalização do campo do currículo hoje: estratégias e desafios. *Cad. Pesquisa*. vol.39, nr.137, São Paulo, May/Aug, 2012.
- MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- NUNES, Mário Luiz Ferrari. *Educação Física e esporte escolar: poder, identidade e diferença*. 2006. 172f. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de educação de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PÉREZ-GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor. A formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antonio Sampaio (org.) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

PINAR, William. F. *The internationalization of Curriculum Studies: a status report*. Trabalho apresentado no Encontro Anual da American Association for the Advancement of Curriculum Studies. New Orleans: mimeo, 2002.

PINAR, William. F. Introduction. In: Pinar, William. F. (Ed.). *International handbook of curriculum research*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.

Pinar, William. F. *What is curriculum theory?* Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2004.

PINAR, William. F. Presidential Address: *A bridge between Chinese and North American Curriculum Studies*. *Transnational Curriculum Inquiry*, v. 2, n. 1, 2005. Disponível em <http://ojs.libray.ubc.ca/index.php/tci>. Acesso em 31 jul 2016.

Pinar, William. F. Exile and strangement in the internationalization of Curriculum Studies. *Journal of the American Association for the Advancement of Curriculum Studies*. v.2, 2006 Disponível em: //D:\Student Data\My Documents\JAAACS Site Info\vol12\pinar_exile.htm, acesso em 03 de julho de 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Identidade e Cultura*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Trueit, D.; Doll, Jr.; W. E., Wang, H.; Pinar, W. F. (Eds.). *The internationalization of Curriculum Studies: selected proceedings from the LSU Conference 2000*. New York: Peter Lang, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Currículo, cultura e sociedade*. São Leopoldo: Educação UNISINOS, v.8, n.15, 2004. p.157-171.

Recebido em: 31/07/2017

Alterações recebidas em: 03/12/2017

ISSN 1983-1579
Doi: 10.15687/rec.v10i3.35490
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Aceito em: 04/12/2017

Publicado em: 31/12/2017